

GT71: Retomadas e autodemarcações de terras indígenas: processos de luta, memória e ritual

Jurema Machado, Daniela Alarcon

Na acepção guarani kaiowá, jeike jey significa entrar, ocupar, enfrentar, afrontar; trata-se da designação utilizada por esse povo para classificar seus processos de recuperação territorial (Benites, 2014). Assim como os Guarani Kaiowá, indígenas de todo o país têm levado a cabo intrincadas estratégias de luta pela terra. A proposta deste GT é reunir trabalhos que discutam retomadas de terras e autodemarcações como ações de enfrentamento ao esbulho. A partir de nossas pesquisas e de trabalhos de outros antropólogos, observamos como esses processos se revestem de complexidades que ultrapassam análises instrumentais, que veem na ocupação do território o fim último. As mobilizações para recuperação territorial engendram o retorno de pessoas e encantados, articulações entre famílias extensas, complexos rituais, reavivamento de memórias e novos arranjos na organização social. A maneira como os povos têm refletido sobre seus processos históricos e cosmológicos também está pautada na luta pela terra. Assim, delineia-se um novo desafio para a antropologia: como pensar a conceituação desses processos sem deixar de considerar as particularidades de cada contexto? Acreditamos que a boa descrição etnográfica é o caminho mais potente para a não homogeneização e, por isso, priorizaremos trabalhos pautados em etnografia.

Gênero, mobilização e recuperação territorial entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia

Autoria: Daniela Alarcon

Em 2004, os Tupinambá da Serra do Padeiro, no sul da Bahia, deram início ao processo de recuperação do território que tradicionalmente ocupam, realizando retomadas de terras. Como resultado dessas ações diretas - estratégia que mantiveram ao longo do tempo, a despeito de serem alvo de intensa violência estatal e paramilitar -, hoje eles detêm a posse de cerca de dois terços da aldeia, apesar de o procedimento demarcatório ainda não ter sido concluído. Apoiada na reconstituição de trajetórias de mulheres envolvidas na luta pela terra, combinando pesquisa etnográfica e documental, esta apresentação focaliza algumas imbricações entre gênero e mobilização, a partir do contexto da Serra do Padeiro. Debruçando-me sobre memórias do esbulho e da diáspora, meu intuito é descrever e analisar como as experiências traumáticas vividas por crianças e mulheres antes do início das retomadas - em um período marcado pela exploração da mão de obra indígena, por violência sexual e outros sofrimentos - têm sido enquadradas, contemporaneamente, em um mesmo idioma mobilizatório. Examinarei ainda como determinadas mulheres foram cruciais na manutenção de vínculos de parentesco na diáspora, mediando entre os vivos, os mortos e os encantados, estes últimos, entidades não humanas centrais na cosmologia tupinambá. Finalmente, discutirei em linhas gerais algumas das formas pelas quais as mulheres da aldeia têm contribuído para a manutenção da mobilização cotidiana, envolvendo parentes na luta, e atuando para resolver conflitos e construir consensos.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

